



GT 02 – EDUCAÇÃO FÍSICA, CORPO E CULTURA

A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCRITA: APONTAMENTOS PARA REFLEXÕES SOBRE ÉTICA PARA UMA HISTÓRIA DO CORPO

Prof. Ms. Nélio Borges Peres¹

Palavras-chave: História. Corpo. Cultura.

Introdução

O corpo do professor de educação física pode não corresponder às concepções extratigráficas postas hierarquicamente como modelo entre as ciências. Concepções de corpo são imaginadas a partir de modelos postos pela ciência e pela religião. Existem concepções de corpo que atribuem necessidades ao corpo do professor, uma série de adjetivações que ao invés de vesti-lo apaga sua presença. O que exige levar a sério o poder dos símbolos nos temas mais caros à educação física, como as intenções higienistas, que já existiam em práticas corporais antes mesmo de existirem professores de educação física.

Metodologia

A história comparada consiste em uma atividade comparativa entre textos. A comparação de escritos tem valor ético, e implica uma perspectiva crítica dos valores, alternativas e tradições sobre o corpo. O que exige pensar na sociedade em que o historiador está inserido e em relação às demais sociedades que ele analisa. O procedimento comparativo consiste em perceber como os autores abordam questões referentes ao corpo. Meu objetivo é o de compreendê-los entre si, mesmo que eles não se entendam. O procedimento serve para conhecer corpos-vividos, concebidos, criados e identificadas por intelectuais que compõem simulacros sobre si mesmos construídos a partir de homens reais. Na história do corpo, ao comparamos algumas pesquisas em equipe, o corpo nem sempre foi cultivado como imagem- mercadoria.

Uma história que precede os modos de transfigurar os ideais de saúde, perfeição física e moral em temas visíveis e concretos é a do jogo. O esporte nos estádios de futebol, por

¹Faculdade do Esporte - ESEFFEGO – E-mail: nelinperes@gmail.com.

exemplo, que pode narrar “histórias excepcionais” (VIGARELLO, 2008, pp 445-6).

Os moralistas do esporte julgam, aliás, que o espetáculo é parcialmente contraditório com seu projeto: se fosse demasiadamente ‘admirado’, o esportista seria mais pervertido que enaltecer, mais explorado que honrado (VIGARELLO, 2008, p 447).

O jogo possuía significado orgânico de evacuar as impurezas do corpo muito antes de se pensar em higienismo na epistemologia dos esportes. Mas sem dispositivo institucional e organização seletiva, os jogos físicos não eram esporte antigamente, mas jogos sociais. Nos jogos sociais, a virilidade era o sinal de poder e relacionava a nobreza de espírito ao exercício físico. O corpo deveria ter uma aparência de valente antes de assumir o refinamento da pose, dos trajés, na expressão física. Um verdadeiro modelo que Nicole Pellegrin (2008) questionou dessa forma: *o que significa sentimento de graça ou êxtase do coração e prazer do corpo (gravidade) numa época diferente da nossa?*

Instrumentos subordinados a Deus e no entanto criadores de seus próprios instrumentos ideológicos e materiais, os corpos humanos não podem ter a radiação que adquiriram nas sociedades laicizadas de hoje. Os prazeres que eles outorgavam se confirmam numa linguagem que cessou completamente de ser a nossa e que, exclusivamente manipulada pelos letrados, fala antes de tudo do corpo dos dominantes, o único referencial... do discurso (PELLEGRIN, 2004, 135).

O corpo do comum representa o mal-estar que a reconstituição de corpos do passado exige que seja encarado por dentro. É o corpo dos humildes. Os usos comuns do corpo são práticas corporais comuns numa comunidade, como a cristã, para quem o corpo é instrumento de salvação pessoal e coletiva. O uso comum que as pessoas praticam do corpo era para se salvarem, para irem para o céu. Respeitar o corpo era respeitar a criação de Deus, que fez do corpo a experiência própria da vida humana. Ser humano era ser um corpo. Mas como fazer usos dele? Os movimentos corporais compõem uma linguagem a ser lida e a fazer ler códigos de perigo e promessas da carne, mas também advertências e modos de santificação. Neste sentido enxergamos um corpo próprio e um corpo impróprio.

O corpo particularizado dos indivíduos só é glorificado quando faz um todo com outros corpos e se torna então parte de um ‘verdadeiro’ corpo: o corpo-corção, a comunidade de habitantes, a Igreja que é corpo de Cristo e primeira das três ordens do Estado. No mundo impregnado de religiosidade cristã, o corpo não é, para (quase) todos senão o habitat temporário de uma alma imortal” (PELLEGRIN, 2008, p 133).

Sobre a vida dos nossos antepassados, os registros falam mais da alma. Os corpos das populações pobres aparecem de forma abstrata, em tabelas, na forma de contabilidade de

paróquias. Fontes para conhecimento do corpo são: diários, memórias e autobiografias. São corpos considerados exóticos, como a do “bom-selvagem” ou o que deve “ganhar seu pão com o suor do seu corpo” pra servir de exemplo a uma lição em nome do controle do corpo, através de escrituras sagradas e profanas. Preguiça, embriaguez, violência, impudicícia, são apontados como os males que frequentam as notícias dos dicionários sobre corpo. Simone Weil (2004), em *A gravidade e a graça*, observou que, do ponto de vista das leis físicas, o que esperamos dos outros e o que recebemos dos outros é determinado pelo efeito da gravidade nos corpos (em nós), de modo que a partir do momento em que um ser humano confessa depender muito ou pouco de alguém, este se afasta. Sinal da presença da gravidade? Tendência para espalhar o sofrimento a sua volta? O seu sofrimento permanece e envenena-o.

Um homem que vivia para sua cidade, a sua família, os seus amigos, para enriquecer, para melhorar a sua posição social, etc. - uma guerra, e é reconduzido como escravo, e a partir daí, para sempre, deverá esforçar-se, até ao limite das suas forças, simplesmente para existir (WEIL: 2004, p 13).

Se trabalhador tinha de trabalhar, os funcionários precisam fazer as máquinas trabalhar. Parafraseando Pessoa (1982), os trabalhadores que bancam “casca grossa” não servem nem para tiranos, porque gestor de máquinas não passa de “alavanca biótica”. Uma educação que se envolve com a produção em massa terá facilidade de formar seres humanos decentes, mas não terá condições de formar funcionários decentes. Quando a eficiência é simplificada, a ineficiência pode se passar por eficiência e ser eficiente nisto. Se o esforço de perfeição está nos esportes, que outrora foram considerados para descansar, os gregos não servem de base, porque aspiravam ser perfeitos em tudo, e nós queremos ser perfeitos nos *hobbies* (PESSOA, 1981, p. 459-500).

Resultados

Observado que os corpos são afetados, sujeitados a normas, regras e padrões determinados pela cultura, compreendemos que os corpos funcionam a partir do exterior, de fora para dentro. A cultura cutuca, mas também força, submete e comanda os corpos, que são ao mesmo tempo símbolo e dor. Os corpos escritos podem ser corpos potentes. O corpo viril, desafiador de regras e da moral herdada de paroquialismos é o corpo que reverbera escrita singular, caracterizada pela inquietação introspectiva da experiência com a leitura dos sentidos, uma escrita “extremamente corporal”. (DAMASCENO, 2012).

A perspectiva da cultura corporal que tenta dialogar com as perspectivas originárias das ciências

da natureza, como a saúde e a as áreas esportivas, tende a considerar a educação física escolar como um “componente curricular responsável pelo trato pedagógico de conteúdos culturais” (DAÓLIO, 2010). As práticas culturais são transformadas através de mediações pedagógicas, pelo esclarecimento a respeito das diferenças semânticas da palavra cultura e pela refutação da concepção extratigráfica de natureza humana. Esta concepção fragmenta o corpo nas dimensões biológica, psicológica, social e cultural, que tem gerado tensões e riscos na educação física escrita.

A historiografia indica que a saúde, o esporte e a educação deixaram de valorizar a vida saudável ao se transformarem em espetáculos para as massas e fonte de lucro para empresas. Os jogos de poder transmitidos ao vivo para olhares atentos encenam o desenvolvimento progressivo da condição do homem. A pesquisa entende que o conhecimento prescrito sobre o corpo antecipa o trabalho de professores de educação física, e que as prescrições que supõe a cultura corporal (em meio a institucionalização da Educação Física no Brasil e em Goiás), constituem um corpo de saberes comum à profissionalização, e que é problemático quanto à compreensão de valores comuns à vida humana. A formação de professores, para atuar sobre os corpos das populações em escolas, praças de esportes, empresas, academias é questionável do ponto de vista ético, estético e moral. Qual a finalidade da educação que forma para o mercado? Nesse sentido, nota-se que as prescrições para prática de atividades físicas e esportivas, alimentação e lazer, constituem narrativas usadas como orientação e antecipação do e para o trabalho na formação de professores.

Considerações Finais

Dar voz aos silenciados, os que em geral não opinam oficialmente, é esforço de muitos escritores. Ao rastrear a palavra corpo em textos, é possível confrontar figuras concretas da corporalidade com as figuras abstratas. O ato de escrever é, por definição técnica, uma construção que relata a vitória da ideia sobre a matéria: o controle mental do corpo. A vitória sobre os incômodos fisiológicos e sociais que quer ser publicada. Alguns testemunhos podem revelar axiomas banais, novas formas de sentir, quando não associam o corpo e a alma nos relatos². Existe uma longa tradição de cuidados com as forças físicas. O olhar filosófico enxerga o antropológico tema das práticas culturais ao participar dos debates sobre o problema dos usos dos corpos na história pelo viés de prescrições. A maneira como são difundidos os usos dos corpos é problemático no trabalho e na formação de professores de Educação Física. Os saberes difusos sobre os usos dos corpos na educação física podem ser antecipados pela escrita. Mas a educação física se alinha à literatura quando expressa a experiência de grupos intelectuais e leigos que imaginam o que é corpo e que, de algum modo, souberam expressar os saberes sobre o corpo em

narrativas que falam de experiências (narrativas de sucesso/sacrifício) sobre o corpo.

Referencial Bibliográfico

DAMASCENO, Beatriz. *Lúcio Cardoso em corpo e escrita*. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

DAOLIO, Jocimar. *Educação Física Escolar: olhares a partir da cultura*. Campinas: Autores Associados, 2010.

PELLEGRIN, Nicole. “Corpo do comum, usos comuns do corpo”. In VIGARELLO, G. et al. *História do Corpo*. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 2008.

PESSOA, Fernando. *Obras em prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1982.

VIGARELLO, Georges. “Estádios – o espetáculo esportivo das arquibancadas às telas”. In VIGARELLO, G. et al. *História do Corpo*. Vol. 3. Petrópolis: Vozes, 2008.

WEIL, Simone. *A gravidade e a graça*. Trad. Dóris Graça Dias. Lisboa: Relógio D’água, 2014.